

De como recebo e interpreto o título de Professor Emérito

Gaudêncio Frigotto¹



¹ Licenciado em Filosofia, Doutor em Ciências Humanas (Educação - Pontifícia Universidade Católica – São Paulo), Professor Titular de Economia Política da Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF) – Niterói, Ex-Coordenador do Programa de Pós-graduação em Educação da UFF, Professor no Programa de Pós Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana da Universidade do Estado do Rio de Janeiro(UERJ), Pesquisador do CNPq, Coordenador do Grupo These 'Projetos Integrados de Pesquisas em Trabalho, História, Educação e Saúde (UFF-UERJ-EPSJV-Fiocruz).

Boa tarde a todas e a todos. Saúdo o Vice Reitor Fábio Barbosa Passos que preside esta cerimônia, o Diretor da Faculdade de Educação Fernando Araújo Penna, saúdo a minha família aqui presente e colegas professoras e professores e técnicos da Universidade Federal Fluminense, particularmente da Faculdade da Educação, colegas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e da Escola Politécnica Joaquim Venâncio da Fundação Oswaldo Cruz; saúdo meus caros ex alunos de graduação, mestrado, doutorado, pós doutorandos e demais amigas e amigos aqui presentes. Uma alegria e um agradecimento tê-los aqui presentes. Uma saudação muito especial a Professora Mary Rangel, impossibilitada infelizmente de aqui estar, mas representada por seus familiares. Uma honra compartilhar com ela a outorga de título de professor Emérito da Universidade Federal Fluminense.

Cabe-me neste momento na brevidade que o protocolo recomenda fazer alguns agradecimentos, dizer de como recebo e interpreto este título e a mensagem que me sugere esta interpretação.

Agradeço primeiro, a Irma e Miguel, meus pais pela vida e pelo exemplo dos valores de justiça, solidariedade, simplicidade e, por viverem do cultivo da terra, o senso de respeito e preservação da natureza. Às minhas três irmãs e cinco irmãos, que salvo a mais nova, os demais não puderam ter a escolaridade completa, mas pelo seu trabalho me permitiram estudar num internato da Ordem dos Frades Capuchinhos e fazer a formação final do atual ensino fundamental, e o clássico e científico.

À minha família, Edith que com ela vivo há quase cinco décadas. Numa sociedade ainda centrada no homem, só pude dedicar-me ao meu mestrado, doutorado e inserção profissional antes dela e termos a família que somos por ela retardar sua formação de mestrado, doutorado e sua carreira profissional. Mas ela é de uma geração que começou a romper com esta hierarquia e fez seu mestrado, doutoramento e concursou-se na UFF onde, também, se aposentou. Divido este título, com ela e com as filhas Giovana, Larissa e Alexandra. Elas me deram outro sentido à vida. Mas duplamente feliz pelas netas Letícia, Maria Eduarda e Maria Luiza, que está por vir, e os netos, Gustavo e Antonio. Elas e eles acrescentam novos sentidos à vida, entre estes, o de pré ocupar-se sem preocupação. Aos meus genros, por fazerem parte de nossa família.

Cabe-me, agradecer à professora Gelta Terezinha Ramos Xavier por ter tido a iniciativa e sido a porta voz de outros colegas da Faculdade de Educação na indicação

generosa do meu nome ao seu departamento para eu recebesse o título de professor Emérito da UFF. Agradeço aos membros do departamento, do Conselho departamental e do Conselho Universitário por terem aceito e aprovado a indicação.

Como recebo e interpreto este título.

Primeiro dizer que recebo com muita surpresa. A vida engendra, muitas vezes, o imponderável ou o que nunca imaginamos. Interpreto este título como decorrente do acaso e de circunstâncias do que me tornei como ser humano, professor e pesquisador. Com efeito, no curso de filosofia no qual me formei, estudando pensadores gregos, entendi que a vida é movimento e este se rege, como destacava Heráclito, pela lei dos contrários, ou a contradição que se faz presente na natureza, da qual somos parte, no pensamento e na vida social.

Mas mais próximo ao como interpreto este título é o embate entre os filósofos gregos Demócrito e Epicuro sobre determinismo, acaso e livre arbítrio. Demócrito defendia que a realidade é toda determinada e que se assim não fosse não haveria nenhum pensamento consistente. Ao contrário, Epicuro defendia que o acaso cumpre papel nos acontecimentos, além do livre arbítrio. Karl Marx, cuja tese de doutorado é sobre estes dois filósofos da antiguidade Grega, fica com Epicuro e dele, certamente, recebeu influência. Para Karl Marx a individualidade de cada ser humano é síntese de relações sociais aonde as escolhas ou o nosso livre arbítrio contam, porém sempre dentro de circunstâncias que não foram por nós criadas, mas que com nossa ação podemos modificá-las.

Vou destacar três acontecimentos que explicitam a relação acaso ou circunstância e o livre arbítrio, para depois sublinhar quais as circunstâncias que tive na Universidade Federal Fluminense (UFF/RJ) para que pudesse estar hoje aqui. Quando prestei concurso de titular na UFF, ao iniciar o memorial, seguindo a pista de Antônio Gramsci sobre o inventário existencial e intelectual, a questão que me interpelou foi: qual a materialidade de condições, objetivas e subjetivas, que permitiu a um grande contingente de filhos de pequenos agricultores, falando dialetos diversos (italiano, polonês, alemão) a travessia para o campo do trabalho intelectual? Não foi uma resposta fácil.

A pista para a resposta daquela pergunta começou no primeiro acontecimento, fruto do acaso ou circunstâncias muito específicas. Um padre, de longas barbas,

passou na nossa casa e me perguntou se eu gostaria de ir ao seminário. Eu disse não. Ele pediu se eu sabia o que era seminário e, novamente respondi, não. Aí ele disse: é um lugar onde se reza um pouco, se trabalha um pouco, se estuda muito e se joga. Rapidamente mudei de ideia: então eu quero ir. Dois meses depois, com 11 anos, 11 meses e 20 dias entrava num enorme espaço, com centenas de adolescente, sem saber por que estava e o que era aquilo. Mas foi ali que pude fazer uma educação básica densa e que, nos termos de Pierre Bourdieu, pude construir um *hábitus* secundário da travessia do mundo rural para a vida acadêmica.

O segundo evento, findo o curso de Filosofia e Pedagogia na FIDENE (atual Universidade Comunitária de UNIJUI-RS) necessitava empregar-me. E o que apareceu de mais atraente era trabalhar na administração de um colégio de freiras numa pequena cidade de fronteira com a Argentina, São Luiz Gonzaga. Mas, pela insistência de um ex professor, Sotero Dotti, com quem trabalhei como bolsista, me inscrevi num concurso onde havia me formado. Acabei passando e sendo incorporado na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí. Uma mudança profunda do rumo da vida profissional e existencial.

Finalmente a outra circunstância. A ditadura empresarial-militar de 1964, que durou 21 anos, em suas contradições, necessitava encontrar um espaço para pessoas que não tinham como prendê-las ou induzi-las a exílio, entre estas, Anísio Teixeira, Durmeval Trigueiro Mendes, Raymundo Muniz de Aragão, ex Ministro da Educação do Presidente Castelo Branco, Atos da Silveira Ramos, ex Adido Cultural nos Estados Unidos, entre outros. Esse espaço foi criado na Fundação Getúlio Vargas em 1972 com o Instituto de Estudos Avançados em Educação (IESAE), que em 1973 criou o curso de Mestrado em Educação onde fiz parte da segunda turma. Findo o curso, 1977, estava de malas prontas para voltar para IJUÍ, porém Maria Julieta Costa Calazans, que administrava um programa nacional de formação de professores que iriam lecionar em cursos de curta duração de Engenharia Operacional, convidou-me para permanecer no Rio de Janeiro e atuar no desenvolvimento deste programa e como docente do IESAE. Isto me facultou conhecer o Brasil profundo e em 1979 iniciar doutoramento na PUC/SP na área coordenada pelo professor Dermeval Saviani. A estes dois espaços devo muito para a consolidação de minha formação teórica e de minha função docente e de pesquisador.

E aí vieram as circunstâncias da entrada na Universidade Federal Fluminense. Os anos finais da década de 1970 e a década de 1980 foram de intensa e rica ebulição política e intelectual pelo fim da ditadura empresarial - militar e redemocratização do país. Foi neste período que se aprovou e se efetivou a Constituinte que nos daria a nova Constituição (1988). Criação do Partido dos Trabalhadores (PT) e da Central Única dos Trabalhadores (CUT). No campo da educação, a criação da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (ANPED), que fui um dos fundadores; o Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES) e a Associação Nacional de Educação (ANDE). Estas três instituições promoveram e coordenaram as Conferências Nacionais de Educação. No campo sindical a criação em 1981 da Associação Nacional de Docentes do ensino superior (ANDES).

Foi dentro deste ambiente e pela visão, perspicácia e liderança do professor José Raimundo Martins Romeo (que nos deixou em janeiro deste ano) que em dois mandatos de reitor (1982 -1986 e 1990 -1994) transformou a UFF de Universidade regional, em Universidade Nacional e Internacional. No que se refere à Faculdade de Educação estes dois mandatos geraram um desenvolvimento e transformação profunda. No primeiro mandato, mediante o convite, em 1983, de professores e pesquisadores na qualidade de visitantes que pautavam o debate nacional, como Luiz Antonio Cunha, Vanilda Paiva e Nilda Alves. Em 1984, recém doutor, foi convidado, também, como professor visitante, mais tarde em professor efetivo e concurso de professor titular. Ampliou-se, assim, o quadro docente da Faculdade de Educação e da pós-graduação onde já atuavam Célia Linhares, Jesus Alvarenga Bastos, Victor Vicente. Valla e Terezinha Lankenau.

No segundo mandato (1990-1994) o convite para professores visitantes a Osmar Fávero e Silvério Bahia Horta, mas concomitantemente abriu um número significativo de concursos que facultou a entrada de vários colegas, inclusive ex-alunos e orientandos da pós-graduação com quem me tornei colega.

Devo a este ambiente da UFF o período de maior densidade de minha vida profissional. Neste período participei do processo de criação do doutorado, onde fui um dos coordenadores. Período, também que fui da diretoria da ANPED e representante do Brasil, por quatro anos, no Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (CLACSO) e participar como membro do comitê científico do Instituto de Pensamento e Cultura da América Latina (IPECAL), com sede na cidade do México,

que me oportunizaram conhecer a América Latina. Experiências que me evidenciaram que o Brasil vivia de costas para a América Latina. Destaco, por fim, duas experiências que me marcaram na UFF: a criação, com a professora Maria Ciavatta, do Núcleo de Estudos, Pesquisa, Documentação e Dados em Trabalho-Educação (NEDDATE) e as orientações coletivas de mestrandos e doutorandos. O NEDDATE, há 38 anos, é uma escola de formação de pesquisadores e de renovação de nós mesmos. As orientações coletivas em fecundo espaço de debate e interpelações, entendendo que a ciência se produz no diálogo, seja no consenso seja no dissenso.

Qual a mensagem que este título me sugere

A justificativa para conceder o título de professor emérito está no convite desta cerimônia: "em reconhecimento aos seus trabalhos, competência, e dedicação à Universidade". O que expus sobre as circunstâncias, não por mim criadas, mas dentro das quais desenvolvi meu trabalho de professor e pesquisador, me conduz ao que Paul Nurse, Prêmio Nobel de Medicina de 2001, expõe no pequeno livro – O que é a vida? Isto do ponto de vista da evolução da pesquisa no campo da biologia e suas relações com outros campos científicos. Ele presta uma homenagem ao pesquisador Murdoch Mitchison que lhe disponibilizou laboratório onde começou a desenvolver seus experimentos de pesquisa. *A homenagem é "por me mostrar porque a melhor pesquisa é ao mesmo tempo intensamente individual e absolutamente comunitária".*

Por fim, esta trajetória indica-me que temos um duplo desafio a enfrentar. Por um lado, lutar contra um sistema capitalista canibal, (como o denomina a filósofa Nancy Fraser), entre nós mais voraz, que devora as bases da vida, a água, as florestas, o solo, o ar; os direitos elementares de comer, beber, ter um teto, vestir-se, de milhões de pessoas; o direito universal da educação, saúde, lazer, e se apropria privadamente do patrimônio científico produzido socialmente. Tudo isto para enfrentar suas crises que lhes ameaçam o lucro e a ampliação de seu capital. Por outro lado, lutar, concomitantemente, para desvelar o constructo ideológico da meritocracia, o qual justifica a desigualdade social, de gênero, de raça e educacional. Sem bases materiais, objetivas e subjetivas similares as possibilidades das escolhas, do livre arbítrio são mutiladas e o esforço do desenvolvimento individual transforma-se em miragem. Depois de quatro anos de um governo pautado pelos fundamentalismos econômico, político e religioso e com posturas e práticas neofascistas da ameaça e

do medo; da negação da ciência, do desmonte da esfera pública, de militarização das escolas; da misoginia e da homofobia, do racismo, do culto às armas e à violência, abre-se, uma vez mais, uma janela em nossa história para retornamos à civilização. Como universidade, coletividade e como indivíduos cabe-nos a tarefa política de criar as circunstâncias para um marco de não retorno à insanidade. Obrigado.

Rio de Janeiro-RJ, 29 de junho de 2023.